

---

## 1º lugar

### O Grande Governador Capixaba

Ana Carolina Pimenta Braga - 1ª série I<sub>4</sub>

Era uma calma noite do mês de julho, eu havia parado com minha mãe em um pequeno hotel na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, para retomarmos a viagem, para a casa de meus avós ao amanhecer. Minha mãe degustava um café para aquecer seu gélido corpo, enquanto lia o jornal “A Gazeta”.

Liguei o rádio para distrair minha mente e uma música animada, típica das rádios atuais tocava, mas logo desapareceu e deu espaço a um chiado instável e irritante. Tentei ajustar o rádio, mas não adiantava. Uma voz conhecida começou a falar.

“Nós não tínhamos recursos para construir a ponte Linhares, mas eu achava necessário. Então, com muito esforço, conseguimos.”

“Na parte da agricultura, elevamos nossos programas.”

“Tivemos que tomar medidas drásticas para colocar em ordem as finanças e poder fazer alguma coisa.”

O chiado se tornou insuportável, fechei meus olhos e tapei meus ouvidos na esperança de abafar o ruído, até que cessou. Abri meus olhos assustada, deparando-me com a bela vista de uma cidade desconhecida. Uma música suave ao estilo da década de 1950 tocava ao fundo. A melodia era harmoniosa e cativante, as mulheres desfilavam pelas ruas com seus vestidos coloridos e saias rodadas, na maioria das vezes acompanhadas de homens de terno.

- Desculpe-me interromper, senhor,- falei abordando um homem que lia calmamente um jornal na banca- Onde estamos?

- Estamos na capital do ES, a bela cidade de Vitória – riu o nobre senhor.

- Mas... Como? Em que ano estamos?

- 1945, senhorita!

Não lhe fiz mais perguntas, estava perplexa com a situação em que havia me metido. Foram incontáveis as noites que passei acordada imaginando como seria viver em uma década antiga, meu pai sempre me mostrava fotos de como era a Grande Vitória durante sua construção, a beleza do litoral ao amanhecer, a construção da ponte Linhares, etc. E agora, cá estava eu, vivenciando o que eu havia sonhado tantas vezes.

-Você me é familiar... – falei observando seus traços, os olhos marcantes, o contorno de sua face, a voz firme e ao mesmo tempo gentil – acho que já vi sua imagem em um livro.

O homem com cabelos grisalhos, aparentava ter 60 anos, tinha um sorriso simpático e um timbre caloroso. Ele apontou seus magros dedos para o jornal “A Gazeta”. A manchete era “Governador Lindenberg constrói mais de 300 escolas e inaugura ponte Linhares”.

---

Lindenberg sorriu ao ver minha surpresa. Cresci ouvindo histórias de sua vida, estudando suas conquistas e apreciando sua dedicação e esforço. Era fascinante encontrar uma figura tão importante da história capixaba.

- Não creio que esteja em livros, talvez seja daqui que você me conheça – ele disse seguido de uma gargalhada.

- Senhor, meus pais são grandes apreciadores de seu trabalho, eles sempre comentam sobre seus feitos como a modernização e os incentivos ao mundo agrário, é realmente um prazer conhecê-lo.

Meu coração badalava em meu peito, nunca havia conhecido alguém de tamanha importância. Esse era o homem sobre o qual me contavam na escola, que sempre elogiavam seus mandatos. Mas o que mais me assustou, foi notar que a sua voz era a do homem no rádio.

- Agradeço a apreciação, criança, mas agora tenho uma entrevista a dar no rádio.

- Posso lhe fazer duas perguntas antes do senhor partir?

- Claro!

-É difícil conciliar a vida pessoal com o poder e as dificuldades de ser o Governador do Estado?

-Querida, com dedicação e um pouquinho de fé e amor, pode-se fazer o que quiser.

- E como é ser governador?

- Ser governador é como montar num burro bravo, juntam vários para segurar o bicho, mas é quem está montado que é complicado – Carlos riu bagunçando meu cabelo- Infelizmente tenho que partir, há pessoas à minha espera, mas foi um prazer conhecê-la.

Logo, o grande Lindenberg partiu, deixando-me sozinha e pensativa, sobre seus grandes feitos. Suas sábias palavras ficariam na minha cabeça pelos próximos anos da minha vida, nunca mais eu conseguiria esquecer que, com um pouco de dedicação, fé e amor, nada estaria fora de meu alcance.

---

## 2º lugar

### Perturbando Carlos Lindenberg

Lucas Salume Lima Nogueira – 1ª série I<sub>2</sub>

Meses atrás, um dos meus professores da faculdade de jornalismo passou para a turma um trabalho muito importante: deveríamos escrever uma matéria sobre alguma personagem marcante para a história do estado do Espírito Santo. Decidi que escreveria sobre o ilustre Carlos Lindenberg, ex-proprietário do jornal “A Gazeta” e um dos poucos políticos a quem meu rabugento avô costumava elogiar.

Não sabia muito a seu respeito, mas isso não seria um problema... Era de manhã cedo quando o encontrei às portas do Palácio Anchieta. Ele acabara de assumir seu segundo mandato como governador do estado, em 1959, e, embora tivesse muitos afazeres, aceitou de bom grado que eu o entrevistasse.

Durante nossa conversa, surpreendi-me com a riqueza de sua história. Carlos nascera na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, em 1889, e desde cedo a política fizera parte de sua vida. No início, era um opositor ao sistema governamental da República Oligárquica, participando do movimento Tenentista (1922) e da Revolução de 1930, que colocou o ex-presidente Getúlio Vargas no poder. Desde então, fora deputado federal, Secretário do Estado de Agricultura, governador do ES e senador da república. Era impressionante a paixão com a qual falava de sua jornada de vida.

Contente com a entrevista e com a variedade de assuntos que eu teria para redigir minha matéria, tirei meu iPhone 5 do bolso para fazer algumas anotações. Lindenberg olhou, extasiado, para aquele pequeno aparelho que eu segurava. Foi quando me dei conta de que não deveria de forma alguma ter feito isso. Eu esquecera completamente que aquele simples, mas revolucionário, equipamento tecnológico nunca fora visto por Carlos ou qualquer outro indivíduo de sua geração.

Apressadamente, agradei-lhe por tudo e sai correndo rumo à minha máquina. Apertei o grande botão vermelho para emergências e em uma fração de segundos eu já estava de volta a 2014.

No dia seguinte, o professor de jornalismo cobrou a apresentação de nossos trabalhos e nos surpreendeu com uma novidade: aquele que apresentasse a melhor matéria seria escolhido como monitor da turma no semestre seguinte. Já era de se esperar que fui eleito monitor por todos os meus anos de faculdade...

---

## 3º lugar

### O governador

Júlia Chequer Feu Rosa - 1ª série I<sub>1</sub>

Não sei como, mas acordei num café em frente à praça 8, que reconheci pelo relógio. De vez em quando, viajo sem controle e paro em lugares e tempos em que não escolhi estar. Na minha frente, estava um homem de terno, lendo um jornal. Chamei-o um pouco alto demais, o que atraiu a atenção das pessoas em volta, e perguntei em que ano estávamos. O homem me respondeu, interrompendo a sua leitura, que estávamos em janeiro de 1947, e voltou a ler. Mas essa informação não era suficiente para mim. Quando viajo no tempo, gosto de saber o que está acontecendo, é como se fosse uma aula de história ao vivo em que posso interferir.

Mesmo sabendo que ele estava compenetrado em sua leitura, continuei puxando conversa... Quando finalmente perguntei sobre política, consegui realmente sua atenção, fazendo-o largar o jornal e vir sentar comigo. O homem, que depois descobri se chamar Carlos Lindenberg, era um grande político, e surpreendentemente bom e honesto. Aparentemente, Carlos não achou esquisito eu perguntar em qual ano estávamos, ou talvez fosse somente muito educado para me questionar sobre isso. Não me recordo como chegamos a isso, só sei que depois de algumas horas o havia convencido a se candidatar a governador do Espírito Santo.

No dia 16 de Janeiro, o acompanhei na inscrição, mas Carlos não parecia confiante em sua vitória, afinal, só faltavam 17 dias até as eleições. Apesar disso, ele se esforçou muito e usou o pouco tempo que tinha para viajar em campanha por todo o Estado. Fiquei impressionado com sua capacidade de conseguir votos em todo lugar que ele ia. Não importava se era dia ou noite, ele sempre causava boa impressão, porque, como já disse, ele era um bom político. O dia decisivo chegou, depois de 210 discursos, e Lindenberg estava ansioso esperando o resultado. Quando finalmente recebeu a notícia, nem acreditava, mas ganhou com uma vantagem de 27 mil votos de seu adversário Vivacqua.

De repente acordei em minha casa no séc. 21, novamente sem saber como voltei, e o pior é que não queria voltar, desejava ver a posse de Carlos. Fiquei triste com isso, então decidi pesquisar sobre sua posse e ler seu discurso: uma bonita homenagem a seu admirado tio Jerônimo Monteiro. Espero que um dia eu consiga vê-lo discursar pessoalmente.